VIVÊNCIAS MUSICAIS NO PROJETO CORAIS NAS ESCOLAS E O DESENVOLVIMENTO HUMANO: Uma abordagem Bioecológica

Comunicação

GTE 03: Educação Musical e Humanização

Sâmela Vitória Chaves Gregório
Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" (FAMES)
samelavitoria122@gmail.com

Gleidson Jordan dos Santos
Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" (FAMES)
gleidson.santos@fames.es.gov.br

Ana Carolina dos Santos Martins
Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira" (FAMES)
ana.martins@fames.es.gov.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições da educação musical, com ênfase na prática do canto coletivo, para o desenvolvimento positivo de adolescentes. Utilizando como principal fundamentação teórica o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner — estruturado nas dimensões Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT) —, o estudo analisa o "Projeto Corais nas Escolas", integrante do programa social "Música na Rede" da rede estadual de ensino do Espírito Santo. A reflexão evidencia como o engajamento contínuo no canto coral atua como um poderoso processo proximal, estimulando não apenas a aquisição de habilidades técnico-musicais, mas também o desenvolvimento da afetividade, a socialização e a cognição. O texto destaca, ainda, o sistema de monitoria do projeto como uma ferramenta de fomento ao protagonismo juvenil. Conclui-se que o ensino do canto coral em áreas de vulnerabilidade social transcende a prática artística, configurando-se como uma rede de apoio biopsicossocial essencial e uma estratégia efetiva de transformação, inclusão e resiliência.

Palavras-chave: Educação Musical; Canto Coral; Teoria Bioecológica;

Introdução

O debate acerca das contribuições da educação musical para o desenvolvimento humano tem ocupado um espaço central nas pesquisas em música e psicologia do desenvolvimento. Neste contexto, o presente texto tem como objetivo central discutir como a vivência da Educação Musical – com ênfase específica nas práticas de canto coletivo –

contribui de forma expressiva para o desenvolvimento positivo das pessoas. A prática musical não apenas auxilia no aprendizado técnico, mas atua diretamente no desenvolvimento da afetividade, na socialização e no progresso da aquisição da linguagem (Ilari, 2002; Costa-Giomi, 2001).

Para a compreensão aprofundada desses fatores, esta pesquisa adota como principal fundamentação o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, formulado por Ürie Bronfenbrenner. A partir dessa lente teórica, o desenvolvimento é visto como um processo relacional, dinâmico e contínuo. Como campo empírico de reflexão, tomamos o Projeto Corais nas Escolas do programa social "Música na Rede", uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU), em parceria com a Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (FAMES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa e inovação do Estado do Espírito Santo (FAPES).

Embora o programa englobe diferentes frentes de atuação musical, como bandas e orquestras, este estudo direciona seu foco analítico para o Projeto Corais nas Escolas. O canto coral, por utilizar o próprio corpo do indivíduo como instrumento primordial, apresenta particularidades únicas de engajamento humano, socialização e superação de barreiras biopsicológicas. A importância de projetos e programas sociais voltados para a educação musical, especialmente o canto coral em regiões em situação de vulnerabilidade, beneficia indivíduos de diversas faixas etárias, tornando a música um instrumento facilitador de inclusão social e de protagonismo (Kleber, 2014).

O Modelo Bioecológico e a Educação Musical

Em seu paradigma contemporâneo, Bronfenbrenner (2005) considera que o desenvolvimento humano é dependente de quatro dimensões fundamentais que interagem reciprocamente entre si. Esse sistema é denominado de “Modelo PPCT”: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Para o autor, o desenvolvimento é um processo que envolve tanto estabilidades quanto mudanças nas características biopsicológicas dos indivíduos durante o curso de sua vida e, também, através de gerações (Senna; Dessen, 2012).

Assim, a teoria bioecológica olha para o indivíduo não como uma tabula rasa, mas como um ser inter-relacional que estabelece relações proximais e dialoga ativamente com as

pessoas, os objetos e os símbolos do ambiente à sua volta. Nesse sentido, o desenvolvimento humano emerge das relações constituídas entre o indivíduo e os contextos nos quais ele está inserido (Tudge, 2008). Segundo Benetti et al. (2013, p. 94), no espectro bioecológico, o desenvolvimento é "interativo e contextualizado, e o indivíduo não é um ser passivo. Antes disso, é interativo, copartícipe no próprio processo de desenvolvimento, e é também dependente de outros que com ele interajam".

Esse desenvolvimento não depende exclusivamente das características inatas do indivíduo, mas acontece prioritariamente por intermédio dos chamados processos proximais. Tais processos consistem nas interações progressivamente mais complexas que ocorrem de forma regular e por longos períodos de tempo, como as interações contínuas com a família, a escola, os pares e, no nosso caso específico, os ensaios de música. É através dessas engrenagens que o desenvolvimento humano ganha tração (Bronfenbrenner, 2005).

Com esse embasamento, imergimos nos benefícios que a música propicia às pessoas. A música é uma forma complexa de conhecimento e uma linguagem multifacetada que contribui para a formação integral do ser humano (Fonterrada, 2008). Nas aulas coletivas de música, e sobretudo nos ensaios corais, ocorre uma intensa interlocução entre o indivíduo e os demais componentes do grupo. Há uma constante troca de saberes, conhecimentos e culturas.

O Desenvolvimento através das vivências musicais

Para Ilari (2003), as atividades musicais favorecem o desenvolvimento global, apresentando ramificações neurológicas, sociais e motoras significativas. A cada prática musical, a literatura aponta benefícios específicos. Sobre o repertório de vivências na educação musical, observa-se que as práticas são ricas e diversificadas:

> “Cantar canções em aula, bater ritmos, movimentar-se, dançar, balançar partes do corpo ao som de música, ouvir vários tipos de melodias e ritmos, manusear objetos sonoros e instrumentos musicais, reconhecer canções, desenvolver notações espontâneas antes mesmo do aprendizado da leitura musical, participar de jogos musicais, acompanhar rimas e parlendas com gestos, encenar cenas musicais, participar de jogos de mímica de instrumentos e sons, aprender e criar histórias musicais, compor canções, inventar músicas, cantar espontaneamente, construir instrumentos musicais. Todas essas atividades são benéficas e podem contribuir para o bom desenvolvimento do cérebro (Ilari, 2008, p. 14)”.

Conforme destaca a autora, o ato de cantar – seja de maneira espontânea ou conduzida em um ensaio coral – tem a capacidade de ativar rapidamente os sistemas da linguagem, da memória e de ordenação sequencial no cérebro. Além disso, quando o aprendizado ocorre de maneira coletiva ou quando existem apresentações e recitais abertos à comunidade escolar e familiar, crianças e adolescentes encontram oportunidades únicas para desenvolver sistemas de pensamento social, colaboração mútua e empatia (Costa-Giomi, 2001).

A educação musical atua, portanto, como um suporte indispensável para indivíduos em situações de vulnerabilidade social e familiar, propiciando a construção de novas narrativas de vida. A música passa a atuar como um fator de proteção essencial no processo de desenvolvimento humano, amenizando os impactos de contextos estressores.

O Projeto Corais nas Escolas como processo proximal

O Programa Música na Rede engloba diversas vertentes, em especial no Projeto Corais nas Escolas observamos uma dinâmica biopsicossocial de extremo valor para o contexto das escolas estaduais do Espírito Santo. O canto coral se distingue por utilizar a voz humana, o instrumento musical primário, íntimo e inato a (quase) todo ser humano. Ao não exigir a aquisição prévia de um instrumento físico externo – barreira que frequentemente afasta jovens de baixa renda da prática instrumental clássica –, o coral se configura como a prática musical mais democrática e acessível dentro do ambiente escolar (Figueiredo, 2005).

Cantar em coro exige do aluno uma consciência corporal profunda. A respiração, a postura, a afinação e a emissão vocal exigem foco, autodomínio e cuidado de si. Em convergência com a dimensão Pessoa do modelo de Bronfenbrenner (2005), o jovem coralista mobiliza suas disposições pessoais, supera timidez e medos, e utiliza seus recursos cognitivos e biológicos para a produção sonora e estética.

Além da dimensão individual, o canto coral é, em sua essência, uma atividade de escuta mútua e colaboração absoluta. Para que a harmonia ocorra, um coralista não pode encobrir a voz do outro; ele precisa ouvir o naipe ao lado, ajustar seu timbre, respirar em conjunto e sentir a pulsação coletiva. Esse ambiente – o Contexto escolar transformado em um microssistema musical – propicia o que Bronfenbrenner chama de processos proximais

altamente eficazes. O ensaio semanal do coral não é um evento isolado, mas uma interação duradoura, regular e cada vez mais complexa, que atua como verdadeiro "motor" do desenvolvimento sociocognitivo (Bronfenbrenner, 2005).

O programa está inserido em regiões escolares marcadas por baixa renda e desafios sistêmicos inerentes à crise social. Oferecendo ensaios regulares, aquecimento vocal, estudo de repertório diversificado e apresentações públicas, o Projeto Corais nas Escolas ressignifica a relação do aluno com o espaço educativo. Durante o ano letivo, promovem-se diversos encontros de coros, intercâmbios e viagens para apresentações, inclusive em outros estados, permitindo aos adolescentes conhecer e interagir com profissionais de grande referência artística e acadêmica (Gonçalves et. al, 2022).

Cabe destacar uma característica fundamental deste projeto que dialoga diretamente com o empoderamento e o protagonismo juvenil: a concessão de bolsas de monitoria. O programa possibilita que os coralistas mais antigos ou que demonstrem rápida evolução técnica e liderança social atuem como monitores dos naipes. Ao ajudar um colega recém-chegado a encontrar sua tessitura vocal ou a ler uma partitura simples, o aluno monitor atua ativamente sobre seu ambiente. Como aponta a teoria bioecológica, o indivíduo não apenas sofre a influência do meio, mas o molda (Tudge, 2008). O adolescente monitor passa a atuar como um protagonista de sua própria história e coautor do desenvolvimento dos seus pares, gerando uma rede de apoio emocional, social e técnico.

As vivências musicais proporcionadas pelo Corais nas Escolas contribuem para os processos de afetividade. Por meio da participação assídua nos ensaios vocais, os estudantes passam a desenvolver habilidades cruciais: facilidade em interagir com o diferente, controle da ansiedade, construção de vínculos de confiança com os regentes (figuras de autoridade positiva) e suporte mútuo (Weichselbaum; Nunes, 2016). O coral se torna uma comunidade de prática que transcende o fazer musical, tornando-se uma rede de segurança emocional para jovens vulneráveis.

Em termos de Tempo (a quarta dimensão do modelo PPCT), o canto coral acompanha as transições ecológicas do indivíduo. A evolução do coralista – saindo da condição de aprendiz hesitante até chegar ao status de monitor ou cantor experiente capaz de realizar solos – reflete a passagem do microtempo (o ensaio diário) para o macrotempo (as transformações

longitudinais na trajetória de vida do jovem). É ao longo desse tempo que o desenvolvimento se consolida, permitindo, por vezes, que talentos até então ocultados pela precariedade estrutural sejam amadurecidos e transformados em trajetórias profissionais na música.

Considerações Finais

As práticas coletivas de educação musical, especialmente aquelas fundamentadas no canto coral, representam muito mais do que o mero ensino de notas e ritmos. A partir do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Ürie Bronfenbrenner, fica evidente que o engajamento contínuo propiciado pelo Projeto Corais nas Escolas constitui um processo proximal poderoso e transformador.

O programa Música na Rede confirma a importância de se estabelecerem políticas públicas perenes nas escolas, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Através do uso do próprio corpo como instrumento, do exercício da escuta empática para a construção harmônica e do sistema de monitoria que fomenta o protagonismo juvenil, o canto coral consegue fornecer um amparo biopsicossocial substancial aos estudantes.

Conclui-se, portanto, que a voz cantada coletivamente cria processos interacionais nos quais o estudante se descobre não como um receptor passivo das dificuldades do seu meio, mas como um protagonista criador. Projetos sociais ativos e embasados teoricamente, como os coros escolares, atuam como pontes vitais para a saúde mental, para a ressignificação do pertencimento social e para o florescimento pleno das potencialidades humanas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Projeto Corais nas Escolas do Programa Música na Rede em parceria com FAPES, SEDU e FAMES.

Referências

BENETTI, Idonézia Collodel; VIEIRA, Mauro Luis; CREPALDI, Maria Aparecida; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner*. Pensando Psicologia, Bogotá, v. 9, n. 16, p. 89-99, 2013.

BRONFENBRENNER, Urie. *Making human beings human:* bioecological perspectives on human development. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

COSTA-GIOMI, Eugenia. *The McGill Piano Project*: Effects of piano instruction on children's cognitive abilities. Music Education Research, v. 3, n. 1, p. 121-135, 2001.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. *Coros infantis e plurais*: reflexões sobre a prática do canto coral na escola. In: JOLY, Ilza Zenker Leme (Org.). Educação musical: reflexões e experiências. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios*: um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GONÇALVES, Marcelo Trevisan et.al. Música na Rede [livro eletrônico]: implementação e desafios no ensino coletivo de instrumentos musicais e canto coral em escolas públicas do Espírito Santo. Marcelo Trevisan Gonçalves e Eduardo Gonçalves dos Santos (Org.). 1. Ed. Vitória, ES: Edição dos autores, 2022.

ILARI, Beatriz. *Música, comportamento social e relações interpessoais*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 191-198, 2002.

ILARI, Beatriz. *A música e o cérebro*: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 9, p. 7-16, set. 2003.

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência*: um olhar a partir da psicologia e da neurociência. Curitiba: Ibpex, 2008.

KLEBER, Magali Oliveira. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógicomusical. REVISTA DA ABEM, [S. l.], v. 19, n. 26, 2014. Disponível em: https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/172. Acesso em: 13 jul. 2026.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. *Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, jan./mar. 2012.

TUDGE, Jonathan. *A teoria de Urie Bronfenbrenner*: uma teoria contextualista? In: TUDGE, Jonathan (Org.). Desenvolvimento humano no contexto sociotemportal. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WEICHSELBAUM, A.; NUNES, A. *A música como instrumento de transformação social e resiliência educacional*. Revista de Educação Musical, v. 14, n. 2, p. 45-60, 2016.